

# A FUGA DA MISÉRIA E DA FOME NO ROMANCE *VIDAS SECAS*, DO ESCRITOR GRACILIANO RAMOS

## MISERY AND HUNGRY RUN AWAY IN THE ROMANCE *VIDAS SECAS*, BY GRACILIANO RAMOS

Gracineia dos Santos Araújo (PG - Universidade de Valladolid/Espanha)

Marta Mendes de Araújo (UNEB)

**RESUMO:** O nordeste brasileiro, cenário onde ocorrem os mais longos e árduos períodos de estiagem, é vítima dos problemas que mais afligem o mundo rural: a miséria e a fome. A partir da obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (1937-1938), este trabalho trata de refletir sobre a vida de famílias sertanejas que, ao serem vítimas das adversidades do tempo e da falta de políticas públicas, são condenadas a abandonar seus lares em busca de melhores condições de vida. Os personagens da obra estudada têm uma dimensão testemunhal-simbólica muito significativa, são vítimas do atraso e da ignorância; condenados à indigência e à fuga; pessoas prescindíveis para o mundo urbano, “civilizado”; invisíveis diante do desenvolvimento tecnológico do consumo. O escritor alagoano mostra a grande problemática existente no campo, utilizando a sua literatura para chamar atenção das circunstâncias de abandono, opressão e injustiça social em que vive grande parte das populações rurais.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos, literatura brasileira, miséria e fome.

**ABSTRACT:** Brazilian northeast, stage in which the longest and hardest drought, is a victim of the problems which cause pain to the rural world: the misery and hungry. Starting from Graciliano Ramos work, *Vidas Secas* (1937-1938), this work tries to think about the live of the “sertanejas” families which, victims of the weather adversities and lack of public politics, are condemned to abandon their homes searching better live conditions. The characters of the studied work have a testimonial-symbolic dimension very significant, are victims of the backwardness and ignorance; condemned to poverty and escape; dispensable people for urban world, “civilised”; invisibles in front of the consumming technological development. The “alagoano” writer shows the big difficulties existing in the land, using the literature to attract attention to the abandon circumstances, oppression and social injustice in which most part of the rural populations live.

**Keywords:** Graciliano Ramos, brazilian literatura, misery and hungry.

### 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a vida de muitas famílias sertanejas, que devido à problemática da seca, e afligidos pela miséria e fome, são obrigadas a fugir em busca de dias melhores. Tudo isso, a partir da realidade dos protagonistas Fabiano e Sinhá Vitória, no romance *Vidas Secas*, do escritor Graciliano Ramos.

O cenário no qual se ambienta a narrativa é marcado pelo pessimismo, pela angústia e pela falta de perspectiva; um universo rural, eminentemente austero, que anula todas as possibilidades de uma vida digna. Em meio a esta realidade, o autor mostra a seus leitores o cotidiano de uma

família sofrida, oprimida pela seca, e pisoteada pela indiferença dos poderes públicos, ou seja, retrata uma realidade determinada pelas adversidades do tempo e do espaço, pela divisão de dois mundos, cultural e economicamente antagônicos (rural e urbano), que se chocam constantemente, mantendo seus valores e seu *status* inalterados.

Na sua aspereza, como se caracteriza o sertão nordestino, o mundo rural sertanejo ocupa um lugar destacado na literatura brasileira em diversos momentos da formação e produção literária do país, especialmente na estética modernista. Muitos escritores da segunda fase do modernismo brasileiro, como Euclides da Cunha, João Cabral de Melo Neto e Raquel de Queiroz, são alguns dos autores mais relevantes que, em sua consolidada trajetória, e desde perspectivas variadas, dão protagonismo às realidades da geografia rural do Nordeste. Além da literatura dos referidos escritores, destaca Bosi (1979) que considerável parte das obras narrativas que fazem parte do cânone literário da literatura nacional está ambientada no âmbito rural.

Em *Vidas Secas*, é evidente que a intenção de Graciliano Ramos não é que haja uma sociedade perfeita, nem de “salvar” o mundo rural das mazelas que este padece, senão que autor pretende despertar a consciência dos leitores em relação à problemática do universo campesino, diante da necessidade de promover a justiça social e posicionar-se a favor da igualdade e dignidade humana. Com uma forma comprometida e humanística de construir literatura, fica evidente na narrativa do escritor alagoano a certeza da necessidade de expressar por meio de suas palavras o contexto sociopolítico do país, estando bem próximo à complexidade de sua época. Através de seus personagens, Ramos reflete o seu compromisso social diante dos dilemas humanos, com uma sensibilidade veemente em relação à problemática do campo. Assim, faz de sua literatura um verdadeiro veículo de denúncia e transformação social.

Na sua dinâmica de denúncia social, Graciliano Ramos elabora uma obra sumamente representativa na reconstrução das realidades rurais do sertão nordestino, valendo-se de uma prosa singela, clara, acessível, marcada por vocábulos tipicamente do universo campesino, talvez desconhecido para a maioria dos leitores; formada por uma sintaxe simples, através da qual demonstra que é grande conhecedor da realidade que aborda. A secura da linguagem e a aspereza da crítica social com as quais o autor desenvolve o romance, situado na segunda fase do modernismo brasileiro, encontram na aridez do sertão e nos problemas sociais do mundo rural, o seu terreno fértil.

## **2. O autor e a obra**

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no sertão de Alagoas, no ano de 1892. Considerado um dos maiores romancistas brasileiros, o autor publica em 1938 o romance *Vidas Secas*, através

do qual reivindica valores do mundo rural, tão ignorados pelo mundo “civilizado” do consumo. Ramos trata da problemática do homem do campo, denunciando as circunstâncias de opressão, exclusão e abandono, as quais os privam das mais básicas condições de sobrevivência.

O escritor constrói a narrativa em um cenário de tempos modernos; leva em consideração não apenas os fatores histórico ou político-social do Brasil dos anos 1930, cuja lógica, ainda herdeira da cultura de séculos anteriores, mantém o campo brasileiro longe dos avanços tecnológicos e do possível “progresso” que os mesmos aportam (sistema de represas e canalização de água, rodovias, luz elétrica, entre outros). Ao referir-se às populações rurais do sertão nordestino, Graciliano Ramos observa que as mesmas encontram-se, pouco a pouco, expostas ao turbilhão da modernização, que transformam as suas vidas e lhes imprime novas necessidades.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos antecipa em sua análise o estranhamento do indivíduo excluído da sociedade, fazendo uma reflexão elucidativa a respeito dos *seres estranhos* que povoam a narrativa. Nesta perspectiva, de acordo com as contribuições do sociólogo Sigmund Bauman (1998), evidencia-se que estranhos são aqueles que não se encaixam no mapa cognitivo, moral e social, previamente estabelecido. Fabiano, no seu isolamento e embrutecimento, representa uma magnífica imagem dos “estranhos”, seres marginalizados pelas circunstâncias do contexto no qual vivem carentes de expectativas de vida melhor junto à sua família. O estranhamento do protagonista se estende à linguagem, pois não dominava a palavra para reivindicar seus direitos como ser humano. Por essa razão, está obrigado a viver à sombra do “outro”, sempre tendo como referência, até em seus pensamentos, o Seu Tomás da Bolandeira, pois este se expressava com autonomia, para projetar seus desejos e seus anseios, fator que cativava Fabiano.

É importante destacar que, de acordo com uma perspectiva baudelaireana, o mundo moderno - neste caso: rural *versus* urbano - exige que as suas populações se adaptem às transformações que ocorrem de caos ou ruínas, convivendo com as novas necessidades imprimidas pela nova realidade. Em seu artigo “*El pintor de la vida moderna*”, publicado em 1863, destaca Baudelaire (1995, p.92) que “la modernidad es lo transitorio, lo contingente, la mitad del arte, cuya otra mitad es lo eterno y lo inmutable”. O autor acredita nas consequências catastróficas da “nova lógica”, mas também crê na possibilidade de novas formas de sensibilidade e liberdade. Nesta perspectiva, podemos situar os personagens de Graciliano Ramos estreitamente vinculados à “nova realidade” destacada por Baudelaire, uma vez que padecem as consequências das transformações da sociedade e, por conseguinte, da necessidade de progresso.

Por meio de uma eminente engenhosidade literária, em *Vidas Secas* Graciliano Ramos é capaz de ficcionalizar a realidade sertaneja em todas as suas particularidades, partindo das questões

locais para alcançar dimensões universais. Para o escritor, nada passa despercebido no universo campesino e isso se reflete em cada um de seus personagens, em cada uma das anedotas que compõem a narrativa.

Não é difícil entender as razões da universalidade do escritor alagoano o qual, diferentemente de muitos dos seus contemporâneos, coloca sua narrativa a favor dos problemas que afligem o sertanejo, problemas estes que são universais, possíveis de acontecer em qualquer parte do mundo, seja na aridez das terras do oriente, nas terras rochosas de países como o Chile ou a Bolívia, ou nos desertos de países africanos que padecem da seca não apenas pela falta de chuva, mas também secos os sonhos e as esperanças, a justiça e a dignidade, estando condenados a viver eternamente à mercê do próprio destino e da sorte.

De acordo com Umberto Eco (1996, p.94), “los mundos de la ficción son, sí, parásitos del mundo real, pero ponen entre paréntesis la mayor parte de las cosas sobre éste, y nos permite concentrarnos en un mundo finito y cerrado, muy parecido al nuestro, pero más pobre”. É neste mundo mais pobre, fruto da imaginação do autor e da sua liberdade de criação, que Graciliano Ramos elabora a sua narrativa, encontrando na realidade os elementos fundamentais para a sua produção literária. Por outro lado, e desde a perspectiva da estética marxista, também a partir do pensamento de George Luckás no seu livro *Sociología de la Literatura*, o acontecimento literário está subordinado à representação autêntica do real.

Em *Vidas Secas*, é possível observar que o autor oferece uma realidade reconhecível, mas se trata de uma realidade *entre aspás*, verossímil, considerada real, embora não o seja; trata-se de um mundo entrelaçado por elementos históricos e sociais, resultado de um passado problemático, de injustiças sociais, que se mantém em relação estreita com o presente. Desde uma perspectiva baudelairiana, podemos entender que a modernidade, em um sentido muito amplo, estreita a arte de criar (a arte literária) e a história (a realidade). Além disso, permite entender que a modernidade está associada à linguagem, exteriorizada através da arte de narrar, posto que é através desse conjunto de elementos que podemos intercambiar informações, experiências, etc, sendo indivíduos interpessoais, intersubjetivos. Em meio a essa realidade, Graciliano Ramos encontra nas palavras a única maneira de representação, desenvolvendo a partir de circunstâncias concretas, abastecendo-se de uma realidade dotada de significado, através de um acúmulo de matérias ou ideias.

Assim, ambientando a narrativa no coração do sertão nordestino, Graciliano Ramos dá protagonismo à história de uma família pobre que, obrigados pela circunstância da seca, fogem, sem destino, da miséria e da fome e vão à busca da sobrevivência, já que “a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 1998, p. 09). Obrigados pelas circunstân-

cias, a família empreende a grande viagem para, talvez, lugar nenhum:

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

De acordo com Candido (1992, p.104), “Graciliano Ramos conseguiu em *Vidas Secas* ressaltar a humanidade dos que estão nos níveis sociais e culturais mais humildes”. Deste modo, levando em consideração as principais preocupações do escritor sertanejo, direcionaremos o nosso olhar em ângulos multidimensionais, uma vez que nos são importantes os fatos em seu conjunto. Além disso, estaremos atentos à forma como o autor desperta as consciências para os problemas existentes no marco rural, uma peça mais do quebra-cabeça de um mundo considerado prescindível, diante do mundo “civilizado”, uma vez que o autor nos apresenta o universo rural em uma dimensão muito ampla, descobrindo-o, reinventando-o, mas também reinterpretando-o.

Ao mesmo tempo em que exterioriza a sua preocupação com os problemas existentes no meio rural, o escritor Graciliano Ramos se desloca pelo sertão nordestino, através dos seus protagonistas, com uma grande e eloquente liberdade imaginária, capaz de expressar a mais sórdida realidade, de uma maneira esplendorosa, cheia de luzes e cores, embora sejam abundantes as sombras e as dores. Bem distante de mostrar uma visão idílica do mundo rural, Ramos aborda as desigualdades sociais que afligem o homem do campo e o faz com uma linguagem clara, precisa, que não deixa sombras de dúvida; ressalta, denuncia; se apropria do mundo rural e o torna seu, com o único propósito de fomentar o debate e a denúncia social a respeito da problemática existente no universo rural.

Ao longo dos treze capítulos que compõem o romance, Graciliano Ramos mostra, através de exemplos impactantes, a necessidade de tomar partido diante de tão sórdidas circunstâncias que marginalizam as populações rurais. A exemplo do fenômeno das secas, que deixa “... fazenda sem vida, o curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada...” (RAMOS, 1998, p.12) e, por conseguinte, a escassez de água e alimentos para a sobrevivência, o autor provoca no leitor uma indignação e o chama a ser partícipe do debate, convidando-o a lutar em defesa da dignidade da pessoa humana, agindo contra as circunstâncias que obrigam o sertanejo a viver sob um céu inclemente e sobre um terreno pedregoso.

Para Bosi (2003, p.23), “o sertanejo crê no Destino, na sorte e no azar, e a sua crença é tanto mais sólida e justificada quanto menor é o seu raio de ação consciente sobre o que lhe há de suceder.” Assim, ademais de mostra os dramas vividos pelas populações rurais, Graciliano Ramos

sublinha a falta de perspectiva, a incerteza do futuro e a dureza do presente das populações rurais. Tudo isso, sempre com o propósito de modificar o rumo da história, dando protagonismo às pessoas mais sofridas e excluídas da sociedade, através de uma narrativa feita em terceira pessoa, que transmite as expressões rústicas dos protagonistas, que pouco se expressam verbalmente, mas que transmitem, através dos gestos, a mais perfeita reflexão da vida rural sertaneja: “Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (RAMOS, 1998, p.11).

O sertanejo migra, mas a fuga que empreende está sempre acompanhada da certeza de encontrar dias melhores, embora isso esteja atrelado à “vontade” da natureza, representada, majoritariamente, pela “grandeza dos céus”, transmitida através das chuvas torrenciais que devolvem a vida e a abundância ao mundo rural: “Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu grande e branca. Certamente ia chover” (RAMOS, 1998, p. 15). Com base nesta realidade, “Graciliano Ramos vê o migrante nordestino sob as espécies da necessidade. É a narração, que se quer objetiva, da modéstia dos meios de vida registrada na modéstia da vida simbólica” (BOSI, 2003, p.10). Isso significa que, com um fazer literário, preocupado com o bem estar do ser humano, o escritor alagoano direciona seus textos em favor da humanização do homem do campo, uma vez que é consciente da sua “missão” de lutar pela inclusão social do homem rural.

O romance *Vidas Secas* é motivado, entre outros fatores, pela consciência que tem o autor da existência de uma linha divisória latifundiária, que divide os sertanejos em ricos e pobres. Ainda de acordo com Bosi (2003, p. 20), “A chave do realismo crítico de Graciliano encontra-se analisando seu distanciamento: o narrador conhece por dentro as restrições e os entraves da vida rústica nordestina, tanto que sabe dar às folgas simbólicas dos retirantes o seu verdadeiro nome de ilusórias consolações”. Esse componente ideológico do intelectual Graciliano, como um cidadão comprometido com a justiça social, deixa claro a sua condição de sertanejo que, embora seja oriundo de uma família de classe média, é conhecedor e defensor do universo rural que o rodeia, deste universo cujos habitantes, em muitos casos, são seres verdadeiramente deplorados, deformados pela miséria e pela fome; privados de todas as benesses que a vida pode oferecer.

Em um mundo distanciado e privado do progresso, a busca do sustento se converte em uma verdadeira arte e os sonhos são os principais aliados do homem sertanejo. Com a chegada das chuvas, o solo do sertão se enche de vida e o coração do sertanejo de esperança, como bem devaneia Fabiano no trecho abaixo:

a caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, Sinha Vitória vestiria saia de rama-

gens vistas. As vacas povoariam o curral. E a caatinga ficaria toda verde (RAMOS, 1998, p.15).

O drama da pobreza no mundo rural começa cedo; a luta pela sobrevivência é transmitida de pai para filho. É preciso saber defender-se de todo tipo de adversidades, e a infância nasce com a certeza de que é preciso basear-se na experiência dos adultos, a favor da sobrevivência: “... o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.” (RAMOS, 1998, p.17).

Em *Vidas secas*, podemos observar que o bem-estar social não é um privilégio de todos, mas de uma minoria insignificante, como se a própria natureza necessitasse de excludentes e excluídos. Esta lógica estendida e enraizada parece não ter um final diáfano, posto que não existe um compromisso com a igualdade entre os povos. Por isso, de acordo com Bosi (2003, p.13), “Graciliano Ramos olha atentamente para o homem explorado, simpatiza com ele, mas não parece entender na sua fala e nos seus devaneios algo mais do que a voz da inconsciência.”

Toda uma realidade desoladora é vislumbrada através de um cotidiano cicatrizado por um destino impregnado de incertezas e desafios, onde o problema da desigualdade social é visto em plena luz do dia, em que a vida e a morte andam juntas, em uma mesma direção, gozando do mesmo grau de intensidade; na qual as pessoas são obrigadas a abandonar o seu lar em busca de um prato de comida assegurado.

Apesar de tudo, de todos os problemas de caráter socioeconômicos existentes no meio rural, Graciliano Ramos mostra como o homem sertanejo mantém uma relação estreita e harmoniosa com a natureza e com o próximo; aprende a se relacionar com o meio e com todo tipo de adversidades, desenvolvendo uns mecanismos de defesa e/o participação que os ajudam a driblar os fenômenos naturais ou de fenômenos externos que, porventura, venham modificar a rotina do dia a dia. Tudo isso, através da observação de sinais emitidos pela natureza: as cores das nuvens, a força e a voz do vento, etc. esses sinais servem não apenas de orientação, mas, também, trazem a esperança e fortalecem crença em dias melhores.

Graciliano Ramos também observa e denuncia o sofrimento das populações rurais do sertão nordestino, que dependem dos “céus” para a sobrevivência. A falta de chuva e, consequentemente os longos períodos de seca, levam o sertanejo a tornar-se impotente diante dos obstáculos naturais. Além disso, outro agravante consiste em não ser hábil o suficiente como para exigirem dos poderes públicos que as devidas providências sejam tomadas, sendo paradoxal a convivência “harmoniosa” entre a miséria e a abundância, como se a riqueza de uns e a miséria da maioria fosse uma

lei da vida.

Em um mundo marcado pela dor e pelo sofrimento, a luta pela sobrevivência se torna o único objetivo. Os impactos sociais, distantes de ser causados simplesmente pelas adversidades da natureza, transmitida através de catástrofes constantes, obrigam as populações empreenderem uma viagem, muitas vezes sem destino ou sem regresso, trazendo consequências sumamente negativas para a vida no meio rural, comprometendo o futuro de muitas gerações que dependem da terra para obter o seu sustento.

Em *Vidas Secas*, o autor não pretende “civilizar” o mundo rural, senão, mostrar as consequências do abandono e degradação do meio rural, como vítima da indiferença social e da inoperância dos poderes públicos. Sem direitos e deveres respeitados, o sertanejo, na sua grande maioria, é marginalizado, excluído, considerado prescindíveis diante do mundo “civilizado” do capitalista. Através dos protagonistas da obra, Ramos dá visibilidade ao sertanejo, tirando-o do isolamento que por muito tempo fora relegado, sempre à margem da sociedade. E, ao tirá-lo do anonimato, atribui-lhe vez e voz, mostrando que, mesmo vivendo privações e estando a mercê do seu próprio destino e da sorte, o sertanejo traz na sua mente o desejo de prosperidade, com pouso fixo e uma vida digna como de qualquer ser humano, uma vez que, é consciente de que outro mundo existe.

Apesar de todo sofrimento e do pessimismo que caracterizam a obra, observamos que a esperança é um lugar que ocupa uma posição de destaque na vida do sertanejo. Por isso, Graciliano Ramos lança um olhar esperançoso para a vida e o futuro do sertanejo, anunciando um futuro promissor, embora este, lastimosamente, tenha que migrar para as grandes cidades. Tudo isso, motivado pelos sonhos... a caminho do sul, com um destino “certo”:

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos... chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos (RAMOS,1998, p. 126).

Por fim, ressaltamos que, embora os personagens vivessem abaixo da linha da pobreza, tendo como certeza somente o presente, isso, porém, não privou Fabiano e sua família de sonhar com uma vida melhor. Reforçando as imortais palavras de Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”..

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. *El pintor de la vida moderna*. Trad. Alcira Saavedra. Murcia, Colegio de Aparejadores y Arquitectos Técnicos. Librería Yerba: Cajamurcia, 1995.



BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOSI, Alfredo. *Ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas cidades: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1980.

ECO, Umberto. *Seis paseos por los bosques narrativos*. Barcelona: Editorial Lumen, S. A, 1996.

LUCKÁS, Georg. *Sociología de la literatura*. Barcelona: Ediciones Península, 1996.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.